



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA
ESPECIALIZAÇÃO EM METODOLOGIAS INTERDISCIPLINARES E
INTERCULTURAIS PARA O ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO**

NILTON ALEX FERNANDES RIBEIRO

**O TRABALHO COLABORATIVO AUDIOVISUAL NA FORMAÇÃO CIDADÃ DOS
ALUNOS: UMA EXPERIÊNCIA NO ENSINO FUNDAMENTAL II**

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2022

NILTON ALEX FERNANDES RIBEIRO

**O TRABALHO COLABORATIVO AUDIOVISUAL NA FORMAÇÃO CIDADÃ DOS
ALUNOS: UMA EXPERIÊNCIA NO ENSINO FUNDAMENTAL II**

Projeto de Intervenção apresentado ao Curso de Especialização em Metodologias interdisciplinares e Interculturais Para o Ensino Fundamental e Médio da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito parcial para a obtenção do grau de Especialista.

Orientação: Prof. Dr. Allberson Bruno de Oliveira Dantas.

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2022

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	4
2	OBJETIVOS	12
2.1	OBJETIVO GERAL	12
2.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	12
2.3	METODOLOGIA	12
3	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	12
3.1	MUDANÇAS NO CENÁRIO EDUCACIONAL	12
3.2	TECNOLOGIA E INOVAÇÃO NO AMBIENTE ESCOLAR	14
4	DESENVOLVIMENTO DO MÉTODO	18
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	24
	Referências	27
	Anexos	29

1 INTRODUÇÃO

Em vista de tantas mudanças tecnológicas que ocorreram nos últimos anos, e a partir da necessidade emergente de uma atualização tecnológica por parte da sociedade em geral, percebe-se oportunamente que as tecnologias disponibilizam no âmbito do conhecimento a oportunidade de desfrutar um aprendizado rápido e eficaz. Nesse âmbito, ao se utilizar de um modo adequado os recursos tecnológicos, tem-se facilitada a interação do mundo real com o mundo virtual, permitindo avanços em diversos aspectos necessários ao mundo globalizado.

As mudanças da sociedade contemporânea afetam todos os setores da sociedade, inclusive o educacional. Para Moran (2000) o processo de ensino-aprendizagem está sendo fortemente modificado em função das novas tecnologias, pois através delas o aluno constrói seu conhecimento de forma mais ágil e autônoma, por isso o autor falou que:

As mudanças na educação dependem também dos alunos. Alunos curiosos e motivados facilitam enormemente o processo, estimulam as melhores qualidades do professor, tornam-se interlocutores lúcidos e parceiros de caminhada do professor-educador. Alunos motivados aprendem e ensinam, avançam mais, ajudam o professor a ajudá-los melhor. Alunos que provêm de famílias abertas, que apoiam as mudanças, que estimulam afetivamente os filhos, que desenvolvem ambientes culturalmente ricos, aprendem mais rapidamente, crescem mais confiantes e se tornam pessoas mais produtivas. (MORAN, 2000, p.17-18).

Assim, ao refletir sobre o processo de ensino-aprendizagem de qualidade que vise a primazia pela produção de conhecimentos significativos para os estudantes em sua formação cidadã, através de uma abordagem multidisciplinar, ao analisar as mudanças ocorridas na educação, percebe-se que o educador que se preocupa em oferecer uma educação de qualidade tem que levar em consideração o interesse dos discentes por tudo que se diz tecnológico.

Ao se recomendar aos professores a utilização de uma mensagem mais moderna, não se está absolutamente propondo que transformem suas aulas em espetáculos, mas que reconheçam a concorrência que as escolas sofrem dos meios de comunicação de massa, no intento de conseguir a atenção do público. Nesse sentido, os recursos tecnológicos tornam-se bastante úteis. Quando bem elaborados e apresentados oportunamente, são capazes de despertar a atenção dos estudantes de forma bem superior à exposição oral e, conseqüentemente, de facilitar aquisição de novos conhecimentos e de contribuir para a formação de atitudes. (GIL, 2007, p. 221).

Partindo desta perspectiva, compreende-se que frente às mudanças de paradigma da educação, uma que merece destaque é a inserção dos recursos tecnológicos como instrumento pedagógico, conforme Gil (2007). Essa deve ser bem dinâmica, pois atualmente os alunos têm acesso às informações em alta velocidade, e o educador que tem compromisso com o sucesso

no processo de ensino/aprendizagem de seus alunos estará sempre buscando utilizar recursos que despertem a sua curiosidade e atenção, no sentido de tornar as aulas mais atrativas e mais participativas, por conseguinte.

A escola tem como obrigação dar subsídios suficientes para que o aluno decida ser o que ele quiser ser. Segundo Olivier (2000, p.24), “[...] o homem não nasce homem, aprende a tornar-se tal”. Com essa afirmação, podemos ver que a educação deve permitir cada um trilhar caminhos, aprendendo a realizar sua natureza no seio de uma cultura que seja verdadeiramente humana.

“Eis então a definição que propomos: A educação é o conjunto dos processos e dos procedimentos que permitem a qualquer criança aceder progressivamente à cultura, pois o acesso à cultura é o que distingue o homem do animal” (OLIVIER, 2000, p.24).

Tendo em vista que a educação é uma extraordinária força cultural que está em perene estado de invenção e reinvenção social, é fundamental que o professor sempre se questione qual o perfil do educador ideal, pois assim ele estará sempre em busca de novos conhecimentos e de novas formas de promover a aquisição do conhecimento. O Professor precisa agir de acordo com a realidade em que seus alunos estão inseridos, aproveitando para mostrar a eles diferentes formas de adquirir o conhecimento, através do acesso de novas descobertas, incluindo as novas tecnologias no ambiente escolar, por meio da interdisciplinaridade.

O educador contemporâneo deve estar antenado à sociodinâmica cultural e deve acompanhar as mudanças tecnológicas, da mídia, das linguagens e as utiliza para aperfeiçoar sua metodologia de ensino. Mezzaroba e Gonçalves (2020) contextualizam que:

A sociodinâmica cultural se refere ao dinamismo das transformações sociais e culturais que a sociedade moderna produz e por elas é afetada, produzindo modos distintos de ação e de reflexão em contínua e incessante atividade de interações sociais. Como exemplos de transformações práticas simbólicas, podemos citar os processos de urbanização, as transformações quanto aos modos de governo que o mundo já passou (e vêm passando), os meios de transportes cada vez mais massivos e velozes, as tecnologias (digitais) de informação e comunicação que surgem e vão transformando as relações humanas, as transformações nos modos como as gerações vão sendo socializadas e educadas etc. (MEZZAROBA E GONÇALVES, 2020, p.117-118).

Portanto, o professor é um profissional que deve acompanhar a transformação do conhecimento, explorando novas vias pedagógicas, uma vez que está inserido em uma sociedade que passa por transformação constantemente, sendo ele, também, agente dessas transformações.

A educação sistematizada está desacreditada Mezzaroba e Gonçalves (2020), e muitos dos alunos, quando lhes perguntam qual carreira desejam seguir, poucos são os que respondem - *educação, eu quero ser professor!*. Uma das causas desse desinteresse pela carreira docente é a falta de atrativos que os alunos encontram em sala de aula, uma vez que muitos professores não aderem à sua prática pedagógica as inovações tecnológicas, que causam impacto no aprendizado e são um grande diferencial para educar e transformar o cidadão.

Muitos pensam que a educação serve para o adestramento do homem ou a produção de diplomados, e esquecem do seu real significado. Para o filósofo Olivier (2000), a educação deve ser feita por meio da arte, para formar artistas capazes de desenvolver todas as habilidades; educando com a arte cria-se a oportunidade de trabalhar todas as capacidades do ser humano, dando o direcionamento do processo educativo, servindo de caminho pedagógico para se trabalhar competências capazes de transformar o método de ensino.

Quando falamos em competências não podemos deixar de referenciar Perrenoud (2000), pois sua ideia de competências é que:

As instituições de formação inicial e contínuo precisam de referências para orientar seus programas, e os inspetores servem-se deles para avaliar os professores em exercício e pedir-lhes contas. Essa representação não é neutra e não pretende dar conta das competências do professor médio de hoje. Ela descreve, antes, o futuro possível e, a meu ver, desejava da profissão (PERRENOUD, 2000, p.12).

Competências essas que orientam e servem de direcional, para auxiliar na tarefa árdua que é educar, principalmente nos assuntos implícitos que competem a transformação do método pedagógico.

A BNCC contempla essa dimensão onde as 10 competências, servem de norte ao professor com respeito ao uso das novas tecnologias, como potencializadora de conhecimentos, e inovação no processo de ensino aprendizagem para desenvolver nos alunos as competências necessárias à sua formação, conforme competências abaixo:

COMPETÊNCIAS GERAIS DA EDUCAÇÃO BÁSICA 1. Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva. 2. Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções (inclusive tecnológicas) com base nos conhecimentos das diferentes áreas. 3. Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural. 4. Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como LIBRAS, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística,

matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo. 5. Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva. 6. Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade. 7. Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta. 8. Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas. 9. Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza. 10. Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários (BRASIL, 2017, p. 8-9).

Nas competências 4 (utilização de diferentes linguagens) e 5 (compreender, criar e utilizar tecnologias digitais) podemos ver o quanto é importante utilizar na prática pedagógica, diferentes linguagens, como a visual, sonora e digital. Com a utilização das tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica e significativa, e a criação de produção a partir dessas mídias, a fim de que os alunos possam se comunicar, acessar e disseminar informações, produzindo conhecimentos, resolvendo problemas e exercendo o protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva por meio da produção colaborativa de vídeos.

Visto que estamos embasados na BNCC, devemos agora seguir todas as competências, e estas deixam claro que é de suma importância se trabalhar as culturas populares conforme evidenciado na competência 3 da BNCC, como forma de criar pertencimento, trabalhar a construção de suas identidades, e como maneira de transformar o aluno em produtor de conhecimento e não apenas receptor. O audiovisual deve ser trabalhado para fortalecer a cultura, exercitar a empatia, como maneira de aumentar a criticidade por meio das tecnologias digitais, e como forma de valorização das culturas, vivências e saberes.

Analisando por esta perspectiva, compreende-se que professor e aluno fazem parte de uma sociedade capaz de redistribuir redes, de ressignificar conteúdos construídos em ambientes síncronos e assíncronos.

É importante não nos esquecermos de que a tecnologia possui um valor relativo: ela somente terá importância se for adequada para facilitar o alcance dos objetivos e se

for eficiente para tanto. As técnicas não se justificarão por si mesmas, mas pelos objetivos que se pretenda que elas alcancem, que no caso serão de aprendizagem (MORAN, MASETTO e BEHRENS 2009, p. 144).

Atualmente, busca-se oferecer aos estudantes uma educação que os tornem seres capazes de pensar e agir criticamente, e é fato que o educador tem que conscientizá-los sobre as mudanças de paradigmas e na maneira de fazer educação. O professor precisa buscar a cada momento qualificar-se para que possa fazer uso destas ferramentas didáticas modernas com a finalidade de medir o processo de aprendizagem, conforme alerta Demo (2009):

É de fundamental relevância saber que mais importante do que aprender é aprender bem, por isso, não basta apenas informar-se teoricamente, é preciso sim transformar informação em conhecimento e que este conhecimento seja uma prática constante e contínua, para que desta forma a educação aliada às novas tecnologias possa possibilitar novos horizontes e infinitas descobertas entre o aprender e o aprender bem (DEMO, 2009, p. 108).

Ao analisar a educação atual, bem como a formação profissional do educador, Demo (2009) mesmo há 12 anos atrás, mostra-se com razão, pois argumentou que é preciso incorporar ao cotidiano escolar a tecnologia para proporcionar uma aprendizagem de extrema relevância, que esteja à altura das características da sociedade contemporânea, que seja amplamente informatizada em todos os setores.

Na prática as novas tecnologias não destronaram o professor; ao invés, encontraram seu lugar mais adequado, realçando a nobreza da função maiêutica e autopoietica. Olhando, ainda, do ponto de vista da inclusão digital, torna-se cada dia mais claro que seu papel é mais decisivo: a inclusão digital mais digna e justa é aquela feita através das alfabetizações, entrando no processo de aprendizagem dos estudantes e professores (DEMO, 2009, p. 110).

Essa inclusão feita pela alfabetização que Demo (2009) tanto defende é a inclusão dos meios tecnológicos já nas séries iniciais, para que o processo de ensino-aprendizagem comece cedo na escola. Sabemos que a maioria das escolas não praticam a inclusão digital, sabemos que é um discurso político-pedagógico, não era uma realidade, pois a pandemia trouxe a tona toda essas fragilidades.

Diante de tantos autores e autoras que defendem o uso de tecnologias como ferramenta didática como: DEMO, 2009; FANTIN (2003); MOREIRA (2018) CIRELLO (2019); dentre outros, fica claro que a produção e uso de vídeos torna-se uma ferramenta promissora na educação. Há diversas tecnologias computacionais livres (e gratuitas) para a edição de vídeos,

que não oneram o professor no uso dessa estratégia. Por isso, Moreira (2018) tece considerações quanto ao potencial que se encontra por trás dessas tecnologias digitais:

Também nos parece importante destacar que as tecnologias têm um potencial enorme para melhorar o processo pedagógico, e devem afirmar-se, inseridas em ecossistemas digitais de aprendizagem, como um meio para ajudar o estudante a pensar, a resolver problemas, a criar e a colaborar com os outros. E o digital é, em parte, responsável por essa mudança, sendo que não é uma utopia considerar as tecnologias digitais como uma oportunidade de inovação, de integração, inclusão, flexibilização ou abertura (MOREIRA, 2018, p.14).

Quando abordar um conteúdo em sala de aula deve-se procurar ver possibilidades de ressignificá-lo por meio da produção de vídeos, tendo em vista que nos dias atuais não se deve educar somente para o domínio de conteúdos didáticos, é fundamental que o educador desperte em seus alunos habilidades de pensar, refletir e propor soluções para os problemas que surgem na atualidade.

Quando gravamos um vídeo não podemos ver como ficará o produto final, apenas temos um roteiro, que traz a ideia da finalização, mas aos meados das filmagens pode-se imaginar como o será finalizado, e a curiosidade vai se misturando com a dedicação e a interação. O processo de filmagem ao qual analisei nesse relatório é bem simples, composto de técnicas básicas de enquadramento, ângulos e cortes que vão auxiliar no final do trabalho, além da criatividade.

Ensinar e aprender depende do educador e do educando, é um processo compartilhado. O educador coordena, sensibiliza, organiza o processo, que vai sendo construído em conjunto com as habilidades e tecnologias possíveis a cada grupo, de forma participativa. É um processo baseado na confiança, na comunicação autêntica, na interação, na troca, no estímulo, com normas e limites, mas sempre enfatizando o incentivo (MORAN, 1995, p. 16).

Durante o processo de filmagens podemos ter um contato mais próximo com o aluno, trocamos experiências e vivências únicas, isso facilita muito as aulas posteriores, pois o vínculo criado faz com que o aluno crie uma atenção diferenciada ao conteúdo abordado nas aulas.

Muitas vezes o conteúdo passa a ter significado quando visualizado, isso faz com que os alunos, além de criticarem e formarem opiniões, sejam produtores ativos no processo de ensino-aprendizagem. Os conteúdos aprendidos durante essas experiências são guardadas para toda a vida, ganham um armazenamento privilegiado em sua memória porque foi vivenciado em primeira pessoa, não foi algo apenas que ouviram ou leram, eles viveram, por assim dizer,

quando assumiram o papel de “personagem protagonistas”, atuando diretamente e corporalmente durante o processo.

O mais interessante dessa metodologia é que ela pode ser aplicada por qualquer professor em qualquer área do conhecimento, dando vida ao conteúdo abordado. Mulvey (1991) destaca que o cinema satisfaz um desejo primordial por uma visão prazerosa, mas ele vai além e desenvolve a escopofilia em um aspecto narcisista. Isso torna prazeroso assistir a si mesmo, criando uma memória de longo prazo, privilegiada na mente dos alunos, pois eles não esquecerão o que aprenderam.

A Lei 13.006/14 (BRASIL, 2014) que no parágrafo 6º aponta: “a exibição de filmes de produção nacional constituirá componente curricular complementar integrado à proposta”. Em vez de somente exibir filmes e curtas metragens, por que não produzir eles com os alunos e ainda incentivá-los a criar material audiovisual em vez de apenas consumir o que nos é colocado à disposição? Por isso essa ferramenta colaborativa de produção audiovisual dentro da escola vai mais do que atender a lei citada, ela transforma o processo de ensino aprendizagem.

Identificamos, então, uma maneira de repensar com criticidade o mundo em que vivemos, isto é, colocamo-nos como resistência das ideologias que nos são impostas, é existir e resistir, por meio da arte e da educação, dando voz e vez a quem de fato precisa. Isso sim é “colocar em prática” as competências da BNCC, inovando na prática pedagógica e contribuindo com a formação audiovisual dos nossos futuros representantes da sociedade.

Então porque inovar a prática pedagógica com o audiovisual? A BNCC, as leis nos dão total apoio para essa reformulação, ficou bem claro que por meio de uma prática inovadora, podemos transformar o processo de ensino aprendizagem, e contribuir para a propagação de uma ferramenta inovadora, capaz de transformar as experiências, e trazer profundas reflexões.

Concebendo a educação como um dos instrumentos capazes de transformar uma sociedade, observa-se que o educador contemporâneo deve atualizar constantemente sua dinâmica pedagógica, de forma significativa, para que os discentes possam repensar e se envolver de forma prazerosa nas atividades que o professor faz em sala, pois de acordo com Paulo Freire (2003, p.102), “[...] ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”.

Aproveitando a produção sugerida por Freire (2003), podemos atribuir a construção do conhecimento por meio da produção audiovisual, visto que o cinema é a arte mais completa, por meio dela podemos dar um direcionamento correto no processo educativo, como também afirma o filósofo Olivier (2000): “a natureza humana é o que exige ser educado; é também o

que faz que a educação não seja tudo inversamente, se a educação não pode tudo, não se pode nada sem ela” (OLIVIER, 2000, p. 22).

Pensando dessa maneira, o professor deixa de ser detentor do saber e passa a ser um mediador da aprendizagem. Ele passa a ser aquele que se sensibiliza com as dificuldades, complexidades, limitações dos educandos, percebendo-os como seres inteiros, respeitando o processo de crescimento de cada indivíduo, mantendo uma postura flexível nas suas ações, buscando na sua prática constante, e primando pelo equilíbrio entre as relações técnicas, pedagógicas e humanas. Se o professor pegar nas mãos do aluno e der os primeiros passos com ele, a caminhada pedagógica será mais fácil e o resultado será eficaz. O professor deve, contudo, possuir conhecimento sólido nos assuntos ministrados, uma vez que deve demonstrar autoridade durante o processo de ensino-aprendizagem, visando assim angariar a confiança dos alunos

Diante deste cenário, e considerando-se a inserção das tecnologias no espaço educativo, busca-se neste trabalho refletir sobre o tema “O trabalho colaborativo audiovisual na formação cidadã dos alunos: uma experiência no ensino fundamental II”. Buscamos a compreensão sobre temas que trazem à tona uma inquietação acerca do uso de recursos tecnológicos como ferramentas que auxiliem o processo de ensino-aprendizagem, refletidos nas perguntas a seguir:

- O que o professor precisa fazer para levar esses aparatos tecnológicos para dentro da sala de aula?
- Como eles podem incentivar o aluno a ser crítico e criativo?
- Como o aluno vai se tornar criador do seu próprio conhecimento?
- Quais os resultados podem alcançar ao produzir vídeos e sala de aula?

Este manuscrito busca apresentar alguns aspectos relevantes para a educação nacional, bem como estratégias que podem ser utilizadas para aprimorar as práxis de ensino na formação cidadã.

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Estabelecer estratégias pedagógicas para a produção de vídeo e mostrar os resultados dessa estratégia ocorridos no seguimento fundamental II, e refletir sobre importância da produção de vídeos como recurso didático pedagógico para formação cidadã.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Demonstrar como o trabalho colaborativo audiovisual é importante para formação cidadã dos alunos;
- Resignificar conhecimentos na prática da produção de vídeos;
- Potencializar a aulas e o processo de ensino aprendizagem.

2.3 METODOLOGIA

A metodologia empregada neste trabalho será ativa, e participativa, com interferências, na prática docente, a fim de envolver os alunos numa metodologia diferente por meio da produção audiovisual colaborativa, a fim auxiliar na formação cidadã dos alunos.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1 MUDANÇAS NO CENÁRIO EDUCACIONAL

Frente às grandes mudanças ocorridas nos paradigmas educacionais, surge a urgência do educador buscar inteirar-se sobre a necessidade de utilizar a tecnologia como recurso pedagógico capaz de dinamizar suas aulas, tornando-as mais atrativas aos olhos dos discentes.

Diante das constantes mudanças no cenário educacional, nos perguntamos qual o objetivo da educação, atualmente, tão desvalorizada, criticada e ainda alvo de muitos ataques

ideológicos, tais como o movimento conhecido no Brasil como “Escola sem partido”.¹ De fato, a educação no Brasil encontra-se em meio a uma crise existencial, política e social. A educação é uma arma muito poderosa de transformação social e faz-se cada vez mais necessário discutir questões sociais emergentes à luz dela conforme Mezzaroba e Gonçalves (2020). Por exemplo, percebe-se uma grande migração dos alunos para os ambientes virtuais imersivos em momentos extra-sala, fazendo com que seja cada vez mais necessário investigar formas de tornar a escola um local passível de evolução e imersão tecnológica, sendo um local propício a novas descobertas por parte de professores e alunos, e aberto a discutir as transformações que irão mudar a sociedade fora dos muros da escola.

Muitos professores deixam passar oportunidades eficazes de construir ou desconstruir muitos pensamentos ou ideologias que são trazidas para dentro da sala, por conta de um currículo a ser seguido, ou um plano de aula a ser metricamente obedecido. Com isso se perde a oportunidade de descobrir maneiras e formas diferentes de pensar, e deixa-se de usar essa estratégia como artifício para construção de um novo saber, ou uma discussão que pode mudar o rumo da vida de alguém. Por exemplo uma vez na sala do nada saiu um tema polêmico, eu poderia deixar passar essa oportunidade de trata-lo, ou mudar o rumo da conversa, mas dei corda e iniciamos uma grande discursão sobre violência simbólica, que terminou em assédio e violência sexual, uma aluna que participava da discursão, mostrou-se interessada por esse assunto, de uma maneira diferente dos demais, com isso comuniquei a escola que com a ajuda do psicólogo, conseguiu descobrir que a aluna sofria abuso em sua própria casa, se eu tivesse deixado passar essa discursão essa violência, poderia ter continuado até não se sabe quando.

Durante os estudos na pós graduação em Metodologias Interdisciplinares e Interculturais para o Ensino Fundamental e Médio da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro Brasileira (UNILAB), tivemos muitas disciplinas que puderam diretamente ser aproveitadas na confecção deste trabalho e manuscrito. Dentre elas, enumero: Uso de tecnologias de informação e comunicação (TICS) para o ensino interdisciplinar e intercultural no Módulo 3; no Módulo 2 as Disciplinas: Metodologias da pesquisa interdisciplinar e intercultural, e a Disciplina: Abordagens interdisciplinares e interculturais em literatura e outras linguagens. Essas disciplinas permitiram discutir sobre a importância de práticas docentes

¹ Projeto de lei 867/2015 (cujo relator é o Deputado Flavio Augusto da Silva/PSC-SP), como uma forma de censura aos professores e professoras brasileiros e limitaria a sua própria autonomia e liberdade de pensamento ao atuarem na educação de jovens e adultos, propagando um discurso de “neutralidade ideológica” diante da “doutrinação” que certos professores/as fazem em suas aulas (tipificando como “crime” o “assédio ideológico” em sala de aula). (MEZZAROBA, 2020) Disponível: <https://ensenanzaestudossociais.blogspot.com/2020/08/para-haver-uma-formacao-humanista-e-28.html> (Acesso em 18 de Outubro de 2020).

inovadoras, de forma a desconstruir alguns paradigmas entrecerrados na educação brasileira, e incentivar professores a usar na sua prática a multidisciplinaridade a fim de alcançar aprendizados e mudanças no cenário educacional que se inserem.

Essa “arma” que conhecemos como educação e esse “campo de guerra” chamado ambiente escolar, têm sido usados de maneira arbitrária para se promover doutrinas ideológicas que, na maioria das vezes, descartam o uso dos saberes empíricos, e abusivamente mutilam a educação, e descarta a cultura popular como restolho, segundo Oliver (2000): “a educação significa algo mais do que o adestramento do homem ou a produção de diplomados [...] ensinar é uma educação intencional, é uma atividade que se exerce numa instituição, cujo fins são explícitos, os métodos mais ou menos codificados” (OLIVIER, 2000, p.18).

Para Olivier, a educação é algo intencional e codificado, por isso, é preciso usar de maneira mediada as novas tecnologias como possibilidades de criar descobertas dentro do ambiente escolar, que é o local apropriado para se exercer a atividade de educar. Ninguém é tábua rasa² ou seja chega na escola sem nenhuma conhecimento igual a uma página em branco, cada ser humano traz consigo saberes, valores e cultura, e isso precisa ser mostrado e demonstrado, dentro da sala de aula para aumentar o sentimento de pertencimento que cada ser traz dentro de si mesmo. Não existe descoberta maior do que saber que o seu mundo pode ser um mundo de descobertas que poderá influenciar outros a se descobrirem.

Ampliando as análises sobre sistema educacional moderno e as interferências de Moran, Freire, Sancho, dentre outros, chega-se à conclusão que é necessário preparar os alunos para um mundo contemporâneo, e para isso conclui-se que o professor precisa capacitar-se e comprometer-se para a melhora da qualidade da educação ofertada na atual conjuntura educacional, é necessária uma postura de mudança, sair do comodismo.

3.2 TECNOLOGIA E INOVAÇÃO NO AMBIENTE ESCOLAR

Estamos na era das constantes transformações tecnológicas e das inovações, isso têm desenvolvido novas culturas e formas de aprendizados em redes de conhecimento, percebe-se a necessidade de utilização de novas sociabilidades e liberdade de expressar ideias, opiniões e experiências num estado de permanente aprendizagem.

² Folha em branco. Conceito usado por vários filósofos como John Locke, e o Pedagogo Jean Piaget. Conceito esse que é usado para falar que os alunos chegam na escola sem nenhum conhecimento prévio.

Devemos considerar como ideal um ensino usando diversos meios, um ensino no qual todos os meios deveriam ter oportunidade, desde os mais modestos até os mais elaborados: desde o quadro, os mapas e as transparências de retroprojeter até as antenas de satélite de televisão. Ali deveriam ter oportunidade também todas as linguagens: desde a palavra falada e escrita até as imagens e sons, passando pelas linguagens matemáticas, gestuais e simbólicas. (SANCHO, 2001, p. 136).

Conforme Sancho descreveu, as linguagens devem ser mais oportunizadas, para que o processo educativo seja de qualidade, é de fundamental importância que o professor perceba que o aluno já está envolto pelos meios tecnológicos cotidianamente, e a produção de vídeos vai além de um simples uso de projetor em sala de aula, não apenas passar conteúdo, vai além disso, é colocar na prática o conteúdo ensino e ressignificá-lo por um método colaborativo de construção audiovisual .

Para tal inserção em sala de aula faz necessário que o profissional busque ter acesso e domínio sobre as novas tecnologias, inserindo-as na sala de aula para qualificar sua práxis e tornar suas aulas mais agradáveis, além de ser fundamental no processo de ensino aprendizagem. Quando utilizamos vídeos em sala de aula ou produzimos com os estudantes, essa aula tem o poder de aumentar a comunicação entre professor e aluno, além de ampliar o espaço da sala de aula, pois as aulas interativas incentivam a maior participação dos alunos nas atividades escolares e proporcionam benefícios na aprendizagem, conforme Freire salienta: “o exercício da curiosidade convoca a imaginação, a intuição, as emoções, a capacidade de conjecturar, de comparar, na busca da perfilização do objeto ou do achado de sua razão de ser.” (FREIRE, 1997. pág.98).

Partindo desta perspectiva defendida por Freire, entende-se que o professor deve estimular os alunos a buscar respostas através dos sentidos comparando-os, além de promover interação no ambiente escolar entre aluno/conteúdo, aluno/professor, aluno/aluno.

Tendo em vista que na atualidade é impossível viver sem a presença da tecnologia, compreende-se a necessidade de utilizá-la como ferramenta didática capaz de tornar o aluno um agente de transformação de conhecimento. A necessidade de manipulação das tecnologias modernas pelas pessoas exige da escola que sejam desenvolvidas outras habilidades e competências nos sujeitos aprendentes. Não basta apenas saber ler, escrever ou reproduzir conteúdo, mas também interpretar, produzir e resolver problemas utilizando as várias linguagens midiáticas e a informação como elemento de construção social do conhecimento. É emergente a necessidade de mudança dos paradigmas escolares, pois os educadores têm que se conscientizar e estar atentos para o fato de que nossos alunos convivem diariamente com o mundo digital.

A educação não se reduz à técnica, mas não se faz educação sem ela. Utilizar computadores na educação, em lugar de reduzir, pode expandir a capacidade crítica e criativa de nossos meninos e meninas. Dependendo de quem o usa, a favor de quem e para quê. O homem concreto deve se instrumentar com o recurso da ciência e da tecnologia para melhor lutar pela causa de sua humanização e de sua libertação (FREIRE, 2001, p.98).

Freire estava se referindo não apenas ao computador em si, hoje na era digital, os dispositivos móveis como os smartphones se tornaram computadores portáteis. Os alunos não esperam chegar em casa para checar uma informação dita em sala de aula, eles o fazem em tempo real. A ciência e a tecnologia nunca estiveram tão atreladas a sala de aula e ao cotidiano dos alunos. Neste sentido, se não for tratado de modo adequado, o seu uso pode ser um complicador do processo de ensino-aprendizagem. Porém, quando mediado, pode ser a chave para processos de transformação significativos.

As tecnologias ampliam as possibilidades de ensino para além do curto e delimitado espaço de presença física de professores e alunos na mesma sala de aula. A possibilidade de interação entre professores, alunos, objetos e informações que estejam envolvidos no processo de ensino redefine toda a dinâmica da aula e cria novos vínculos entre os participantes. (KENSKI, 2007, p. 88).

É necessário aplicar o que Kenski sugere, a criação de vínculos com uma dinâmica de aula movida pela produção de vídeos, isso sim fortalece a criação de vínculos que vão além do conteúdo abordado em sala.

Essas tecnologias devem ser utilizadas para contribuir com a melhoria do processo educativo. Para que isso ocorra de forma positiva é necessário que se acrescente aos materiais didáticos o uso dessas ferramentas tecnológicas, adequando o uso destas à realidade dos discentes através de uma prática pedagógica inovadora e que gere uma educação de qualidade.

Tendo em vista que a escola deve ser um espaço interativo que possibilite ao educando a capacidade de agir criticamente, observa-se que é através do uso dos celulares e da internet na sala de aula que o aluno tem a oportunidade de buscar uma infinidade de informações. Cabe ao professor, portanto, o papel de mediação, para que tais informações se transformem em conhecimento, pois o aluno precisa desenvolver sua autonomia, conforme Behrens:

Num mundo globalizado, que derruba barreiras de tempo e espaço, o acesso à tecnologia exige atitude crítica e inovadora, possibilitando o relacionamento com a sociedade como um todo. O desafio passa por criar e permitir uma nova ação docente na qual professor e alunos participam de um processo conjunto para aprender de forma criativa, dinâmica, encorajadora e que tenha como essência o diálogo e a descoberta (BEHRENS, 2009, p. 77).

O uso dos smartphones facilita e agiliza as aulas do professor, aumentando muito o campo de busca de ideias, informações recentes, descobertas científicas, além de dar ao aluno a oportunidade de visualizar melhor o que antes só era possível através do livro didático. As novas tecnologias, ao serem inseridas no contexto escolar, trazem em seu bojo a necessidade iminente de todos os envolvidos no processo educacional - sejam professores, estudantes e comunidade escolar como um todo - se capacitarem, interagirem, enfim, articular entre si as possibilidades viáveis para que o processo de ensino-aprendizagem ocorra com novos estímulos e novas perspectivas. Desta forma, as tecnologias permitiriam "estímulos" diferenciados e diversificação no cotidiano escolar, permitindo um maior contato entre os envolvidos.

As mudanças na educação dependem também dos alunos. Alunos curiosos e motivados facilitam enormemente o processo, estimulam as melhores qualidades do professor, tornam-se interlocutores lúcidos e parceiros de caminhada do professor-educador. Alunos motivados aprendem e ensinam, avançam mais, ajudam o professor a ajudá-los melhor. Alunos que provêm de famílias abertas, que apóiam as mudanças, que estimulam afetivamente os filhos, que desenvolvem ambientes culturalmente ricos, aprendem mais rapidamente, crescem mais confiantes e se tornam pessoas mais produtivas. (MORAN, 2000, p.17-18).

Quando analisamos a fala de Moran, e passamos a analisar o contexto de comunicação dos alunos em sala de aula, percebemos que eles apresentam uma linguagem cibernética, com termos tecnológicos, fazendo vídeos, memes, stories, lives, dentre outras nomenclaturas que utilizam; ou seja, eles estão imersos no mundo virtual. De fato, os estudantes vivem em dois mundos simultaneamente. Essa dualidade faz com que pessoas que antes não tinham vez e voz passem a ganhar espaço no meio virtual, na produção de seus vídeos com suas concepções e opiniões, criando conhecimento. A produção de vídeos, além de gerar um ser crítico, possibilita também tornar o sujeito um gerador de formadores de opinião.

Para que essas atividades se traduzam em aprendizagem, contudo, é preciso desenvolver uma metodologia e aplicá-la conforme o contexto escolar e social, pois à medida que se descobrem os benefícios da tecnologia também se aprendem novas formas de utilizá-las. Segundo Moran (2000) “Ensinar com as mídias será uma revolução se mudarmos simultaneamente os paradigmas convencionais do ensino, que mantém distantes professores e alunos”.

Analisando por esta perspectiva, compreende-se que professor e aluno fazem parte de uma sociedade capaz de redistribuir redes, de ressignificar conteúdos construídos em ambientes síncronos e assíncronos, como se desprende de:

É importante não nos esquecermos de que a tecnologia possui um valor relativo: ela somente terá importância se for adequada pra facilitar o alcance dos objetivos e se for eficiente para tanto. As técnicas não se justificarão por si mesmas, mas pelos objetivos que se pretenda que elas alcancem, que no caso serão de aprendizagem (MASETTO, 2009, p. 144).

Atualmente, busca-se oferecer aos estudantes uma educação que os tornem seres capazes de pensar e agir criticamente, e é fato que o educador tem que conscientizá-los sobre as mudanças de paradigmas que passa a educação e busque a cada momento qualificar-se para que possa fazer uso destas ferramentas didáticas modernas com a finalidade de medir o processo de aprendizagem.

É de fundamental relevância saber que mais importante do que aprender é aprender bem, por isso, não basta apenas informar-se teoricamente, é preciso sim transformar informação em conhecimento e que este conhecimento seja uma prática constante e contínua, para que desta forma a educação aliada às novas tecnologias possa possibilitar novos horizontes e infinitas descobertas entre o aprender e o aprender bem. (DEMO, 2009, p. 108).

Ao analisar a educação atual, bem como a formação profissional do educador, Demo (2009) tem razão ao notar-se que é preciso incorporar ao cotidiano escolar a tecnologia para proporcionar uma aprendizagem de extrema relevância, que esteja à altura das características da sociedade contemporânea, e que seja amplamente informatizada em todos os setores.

Na prática as novas tecnologias não destronaram o professor; ao invés, encontraram seu lugar mais adequado, realçando a nobreza da função maiêutica e autopoietica. Olhando, ainda, do ponto de vista da inclusão digital, torna-se cada dia mais claro que seu papel é mais decisivo: a inclusão digital mais digna e justa é aquela feita através das alfabetizações, entrando no processo de aprendizagem dos estudantes e professores (DEMO, 2009, p. 110).

Essa inclusão feita pela alfabetização que Demo (2009) defende é a inclusão dos meios tecnológicos já nas series iniciais, para que o processo de ensino aprendizagem comece mais cedo.

4 DESENVOLVIMENTO DO MÉTODO

A experiência com a produção colaborativa de vídeos, como estratégia de ensino, foi iniciada em 2019 na cidade de Cicero Dantas – Bahia, no Colégio São José e no Colégio Educandário Maria de Lurdes Silva, com crianças e jovens com faixa etária de 12 a 16 anos, no

seguimento do ensino fundamental II, totalizando 29 alunos e na Rede pública no Colégio Monsenhor Galvão com mais de 20 alunos do seguimento do ensino fundamental II.

Não é necessário grande aparato tecnológico para produzir vídeos em sala de aula. A experiência relatada neste documento tem como premissa básica o uso de recursos tecnológicos de baixo custo, como *smartphones*, tendo como requisito mínimo uma câmera com uma boa resolução, para a captura de vídeos de boa qualidade, e memória capaz de armazenar vídeos de média duração, variando de cinquenta minutos a uma hora e meia. Além disso, um computador que disponha de um *software* para a edição dos vídeos. Existem muitas tecnologias computacionais livres (e gratuitas) para a edição de vídeos e tratamento de áudio, que não acrescentam custo algum para o professor fazer uso dessa estratégia.

Trabalhei nessas escolas a construção de vídeos como forma de inserir um novo aprendizado e trazer uma nova dinâmica as aulas que em virtude da pandemia acabaram ficando enfadonhas, através da criação de vários tipos de conteúdos, Todo conteúdo audiovisual foi trabalho sempre após os alunos terem compreendidos os assuntos diádicos, em seguida essa fixação era feita a ressignificação. Fizemos, por exemplo, uma quadrilha junina on-line³, em que cada aluno, de sua casa, vestido a caráter festivo conforme foto abaixo, fez o seu vídeo que foi unificado aos vídeos dos colegas. Fizemos também, um arraiá virtual em forma de *live*, em que foram exibidos com todos os trabalhos dos outros seguimentos, com sorteios de brindes e muito aprendizado.

Foto 1 - “Arraiá Virtuá” produzido no colégio Educandário Maria de Lurdes Silva.



³ Link do Arraiá Virtuá, produzido no Colégio Educandário Maria de Lurdes Silva: <https://www.youtube.com/watch?v=xsTPVA1fCc>

No vídeo do *Chalange* de São João, os alunos ficaram soltos para poder criar, eles mesmos gravaram e editaram o vídeo, para ser exibido na *live* e São João que aconteceu no ano passado. Essa *live* foi uma das primeiras na região se tornando pioneira nesse tipo de evento on-line, e incentivando outras escolas a fazerem o mesmo. Os trabalhos foram exibidos na *live* com sorteios de brindes, para os alunos e pais *on-line*, esse momento foi muito construtivo onde os alunos de outros seguimentos de maneira remota devido a pandemia, puderam conhecer e ver os trabalhos produzidos por seus colegas de outras turma, se tornando uma grande troca de conhecimento.

Foto 2 - Live de São João Colégio Educandário Maria de Lourdes Silva



Foto 3 - Live de São João Colégio Educandário Maria de Lourdes Silva



Pude organizar também um coral em Libras, no Colégio Educandário Maria de Lurdes Silva⁴, que faz parte da rede privada de ensino fundamental, em que trouxe para prática o que foi ensinado nas aulas da disciplina de Sociedade e Cultura. Os alunos, de maneira colaborativa, fizeram a gravação dos seus vídeos e me enviaram, onde pude editar e montar o coral em LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais), com os vídeos que eles mesmos produziram. Na escola pública, a maioria dos pais do Colégio Monsenhor Galvão permitiram que alguns alunos viessem para escola, onde, respeitando o distanciamento, pudemos fazer a gravação do coral na própria escola. O produto audiovisual⁵ é carregado de significados, e, como ressalta Lévy (2007): “Os signos não evocam apenas coisas ausentes, mas cenas, intrigas, séries completas de acontecimentos ligados uns aos outros” (LÉVY, 2007, p.47).

Foto 4 - Coral *On-Line* em Libras - Colégio Educandário Maria de Lurdes Silva



⁴ Link do Coral em Libras On-line do Colégio Educandário Maria de Lurdes Silva: <https://www.youtube.com/watch?v=NIiN6W-s6SM>

⁵ Link do Coral em Libras Presencial do Colégio Monsenhor Galvão: <https://www.youtube.com/watch?v=dhz-eAqw5IQ>

Foto 5 - Coral On-Line em Libras - Colégio Educandário Maria de Lurdes Silva



Diante de tantos autores que defendem o uso de tecnologias como ferramenta didática, fica claro que a produção e uso de vídeos é uma ferramenta promissora na educação, e, conforme destacado nesse relatório, o seguimento II é muito beneficiado nesse aspecto, conforme mídia produzida como anexo desta pesquisa.

Utilizar o audiovisual mexe com a emoções de quem participa desse processo de ensino-aprendizagem, pois são memórias e aprendizados que ficam eternizados por toda vida. As lembranças que ficaram desse processo formativo audiovisual me marcaram para sempre, e, ao lembrar posso refletir que é possível sim, fazer uma educação diferenciada, com poucos recursos, com grandes aprendizados e que façam a diferença prática na vida dos alunos.

Estes recursos usados no ensino fundamental II não se diferem para os outros níveis de ensino, pois a produção de vídeos é uma ferramenta decisiva nessa construção do seu desenvolvimento intelectual, proporcionando à criança ou adolescente um ensino eficaz e prazeroso, com grandes aprendizados. A produção de vídeo colaborativa pode também melhorar a aproximação entre o professor e o aluno, visando possibilitar uma melhor compreensão do assunto em detrimento do mundo real, além de estimular resultados e experiências não convencionais, aumentar o rendimento e o aproveitamento escolar. Ela também pode proporcionar autonomia mediante estratégias e soluções e desenvolver habilidade crítica e refletiva mediante o novo e o inesperado, além de valorizar a troca de experiências e de conhecimentos.

Quando fizemos uma culminância em sala virtual para avaliação dos trabalhos, os alunos fizeram muitos relatos sobre a visão que tinham do LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais) antes e depois da construção dos vídeos, e alguns começaram a editar alguns vídeos curtos e passaram a se interessarem pela área de edição.

Para se trabalhar as produções audiovisuais como recursos didático-pedagógicos é preciso responder a duas perguntas essenciais: (1) como a produção reflete na vida dos alunos? E (2) como os alunos interpretam as representações desses recursos? (FERREIRA, 2010).

Pensando nisto, é colocado em evidência um quadro com alguns tópicos de bastante pertinência para a utilização da produção de audiovisuais

Quadro 1 - 6ª Estratégias para a utilização do audiovisual enquanto recurso didático-pedagógico

Estratégias para a utilização do audiovisual enquanto recurso didático-pedagógico		
Área curricular:		Competência didática:
Ciências humanas	Geografia	Compreender as transformações ocorridas nos espaços físicos e sociais
	História	Identificar a representação histórico-cultural do fenômeno/objeto em registro
	Sociologia	Descrever a evolução dos processos de sociabilidade e socialização (evolução nas relações e padrões sociais)
	Artes	Produzir registros audiovisuais (fotografias, vídeos e áudios).
Linguagens	Língua Portuguesa	Analisar e interpretar as representações das linguagem não-verbal
	Produção Textual	Redigir textos argumentativos-dissertativos e/ou narrativos sobre a influência e importância das tradições culturais e sociais locais (do fenômeno/objeto)

Fonte: RIBEIRO, 2022 [Adaptado de:] FERREIRA, 2010; GAMBIM; GONÇALVES, 2016.

Existem outras áreas do conhecimento que poderia ser incluída essas estratégias de acordo a BNCC, contudo, fica a critério de cada professor usar a estratégia que cabe em sua área do conhecimento.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As ações pedagógicas com projetos no nível da virtualidade e nos âmbitos das ciberculturas devem ser planejadas, organizadas e sistematizadas pelo professor em parceria com alunos, levando em conta o que seja de real valor e significância para eles, a fim de que se sintam estimulados à busca e pesquisa de novos conhecimentos, tendo a tecnologia como aliada desse processo e mediadora das relações interativas e construtivas.

Durante as atividades desenvolvidas pude perceber o envolvimento dos alunos para além do material didático, quando levamos para prática aquilo que é ouvido na teoria, o conhecimento ganha vida, eu podia ver nos olhos deles a empolgação de poder criar seu próprio aprendizado, ressignificando o conhecimento produzido pelos materiais didáticos, a aula passava muito rápido, nem nos dávamos conta. Por exemplo, após ter trabalhado a regionalidade do estado Nordeste, pude reforçar esse conhecimento com as manifestações da cultura popular, daí foi produzido a quadrilha junina *on-line*. O mais prazeroso foi quando os vídeos ficavam prontos e íamos assistir, muitos não continham a emoção, de poder se ver nessas projeções audiovisuais, esse trabalho do coral de LIBRAS foi o mais significativo na minha história como professor, porque durante as gravações, e as aulas, eu pude ajudar uma aluna surda a ser integrada em um círculo de amizade e de acolhimento, sem contar que pudemos fazer a diferença não só na vida dela mais de todos os alunos que participaram desse processo. Em poucos momentos de minha vida pude ver minha falecida mãe emocionada, que também era professora e quando a mostrei o vídeo, ouvir suas palavras de orgulho me fez pensar no tamanho da responsabilidade que um trabalho feito dentro da sala de aula tem, sobre a vida das pessoas que poderão ter acesso é esse material. Me sinto muito honrado de ter feito parte dessa pós graduação da UNILAB, onde trouxe os conhecimentos de vivências acadêmicas para minha prática pedagógica e fazer a diferença na vida dos alunos pelo qual pude tocar com minha metodologia e enfim os motivar a serem cidadãos comprometidos com a sociedade.

Observamos que estes recursos usados no ensino fundamental II não se diferem para os outros níveis de ensino, pois a produção de vídeos é uma ferramenta decisiva nessa construção do seu desenvolvimento intelectual, proporcionando à criança ou adolescente um ensino eficaz e prazeroso, com grandes aprendizados, sendo uma grande formação cidadã. Mas para que essas atividades se traduzam em aprendizagem, é preciso desenvolver uma metodologia e aplicá-la conforme o contexto escolar e social, pois à medida que se descobrem os benefícios da tecnologia também se aprendem novas formas de utilizá-las. Segundo Moran (2000) “Ensinar com as mídias será uma revolução se mudarmos simultaneamente os paradigmas convencionais

do ensino, que mantém distantes professores e alunos”. Foram muitos os trabalhos e registros que estão selecionados e postos no anexo desse trabalho.

O produto audiovisual é carregado de significados, tanto que para Lévy (2007): “Os signos não evocam apenas coisas ausentes, mas cenas, intrigas, séries completas de acontecimentos ligados uns aos outros” (LÉVY, 2007, p.47). Realizar um processo criativo de edição não é fácil, editar várias perspectivas, é uma tarefa complexa, por isso, Eisenstein (2002) explicou que:

[...] a montagem deve ser comparada a alguma coisa, então uma legião de trechos de montagem, de planos, deveria ser comparada à série de explosões de um motor de combustão interna, que permite o funcionamento do automóvel ou trator: porque, de modo semelhante, a dinâmica da montagem serve como impulsos que permitem o funcionamento de todo o filme (EISENSTEIN, 2002, p.42).

Por isso, durante a edição dos vídeos, trazemos um olhar de diferentes percepções, alguns vídeos foram produzidos pelos alunos e outros por mim (professor), foram várias leituras, visões, audições, criações, e aprendizagens, que ficaram sistematizados por dispositivos informacionais de todos os tipos, conforme sugere Lévy (1993). Durante a produção dos videoclipes pude ver como a música e a tradução do LIBRAS se encaixavam produzindo sentimento, que iam além do aprendizado, eu pude ver a veracidade das palavras de Menezes (2008), onde o autor falou que os sons podem ser ruídos, vozes, inclusive a ausência deles, como o silêncio. Segundo Menezes (2008, p.117): “o cultivo do ouvir pode enriquecer os processos comunicativos hoje muito limitados à visão, e nos ajudar a viver melhor num mundo marcado pela abstração”. Sentidos esses ausentes que são fundamentais na Língua Brasileira de Sinais (idioma que foi gravado os cliques dos corais). O autor ainda afirma que:

Na cultura do ouvir somos desafiados a repotencializar a capacidade de vibração do corpo diante dos corpos dos outros, a ampliar o leque da sensorialidade para além da visão. Ir além da racionalidade que tudo quer ver, para adentrar numa situação onde todo o corpo possa ser tocado pelas ondas de outros corpos, pelas palavras que reverberam, pela canção que excita, pelas vozes que vão além dos lugares comuns e das tautologias midiáticas (MENEZES, 2008, p.117).

O referido recurso da edição colaborativa de vídeos pode também melhorar a aproximação entre o professor e o aluno, visando possibilitar uma melhor compreensão do assunto em detrimento do mundo real, além de estimular resultados e experiências não convencionais. Pode também aumentar o rendimento e o aproveitamento escolar, proporcionar autonomia mediante estratégias e soluções e melhorar a capacidade de desenvolver a habilidade

crítica e refletiva mediante o novo e o inesperado, além de valorizar a troca de experiências e de conhecimentos.

O desafio apenas continua, ficando as seguintes indagações para futuras pesquisas:

Até que ponto poderíamos usar a produção de vídeos para uma autonomia mais direta no processo de ensino aprendizagem? Teríamos como medir o tamanho do aprendizado utilizando alguma ferramenta digital como referência? Como será a educação pós pandemia do COVID-19? Como podemos usar mais as tecnologias para garantir um aprendizado significativo?

Todos esses questionamentos podem nos motivar a melhorar cada dia mais nossas práticas e metodologias, porque a educação é viva e está e constata movimento, se não acompanharmos o seu “passo”, ficaremos sempre um “passo a trás” de uma mudança que se reverbera no futuro logo ali.

Referências

- ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini de; José Manuel Moran. **Integração das Tecnologias na Educação**, Brasília: Ministério da educação, 2005.
- ALBA, C .A. **Organização das escolas e os reflexos da rede digital**. In: SANCHO, Juana Maria (org.) et al. **Tecnologias para transformar a educação**. Tradução Valério campos. Porto Alegre: Artmed, 2006. P. 131 –152.
- BARBOZA, K. D. L.; BARRETO, A. L.; BONFIM, R. S. POLIZELLE, M. A. L. **Produção de Vídeos e seu uso para o ensino de matemática: uma experiência vivenciada pelo PIBID**. Disponível em: http://www.fef.br/upload_arquivos/geral/arq_58822b158d755.pdf (Acesso em 09/08/2018).
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular: Educação Infantil e Ensino Fundamental**. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2017.
- DEMO, Pedro. **Questões para Teleducação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.
- DEMO, Pedro. **Educação hoje: “novas” tecnologias, pressões e oportunidades**. São Paulo: Atlas, 2009.
- EISENSTEIN, Sergei. **A Forma do Filme**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.
- FERREIRA, E. C. **O uso dos audiovisuais como recurso didático**. Dissertação de Mestrado. 75f. Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Porto (Portugal): Portugalensis Universitas, 2010.
- FRIEDRICH. I. I. Hickmann, e CONRADI. Carla C. Nacke. **Uso e Produção de vídeos nas aulas de História: Limitações e Possibilidades**. Disponível em: www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2391-8.pdf (Acesso em 09/08/2018).
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia - Saberes Necessários à Prática Educativa**. Editora Paz e Terra. Coleção Saberes. 1996 36ª edição. 2003
- FREIRE, Paulo. **Política e educação**. São Paulo: Cortez, 1997.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2001.
- FREIRE, Wendel (Org.). **Tecnologia e educação: as mídias na prática docente**. Rio de Janeiro: Wak, 2008.
- GAMBIM, M. C.; GONÇALVES, N. G. Compreensão da história local a partir da perspectiva da história social da criança. In.: BRASIL. GOVERNO DO ESTADO DO PARANÁ. **Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE: volume I**. Curitiba (PR): Secretaria da Educação, 2016.
- GIL. A. C. **Didática do Ensino Superior**. São Paulo: Atlas, 2007.

IMBERNÓN, F. **Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza**. São Paulo: Cortez, 2001.

KENSKI, Vani Moreira. **Educação e tecnologia: o novo ritmo da informação**. Campinas, SP: Papirus, 2007.

-----, José Manuel; MASSETO, José Manuel; BEHRENS, Marilda Aparecida. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 16. ed. Campinas, SP: Papirus, 2009. (coleção Papirus Educação). Disponível em: <<http://www.uca.gov.br/institucional/noticiasLei12249.jsp>>. Acesso em: 20 julho de 2018.

LÉVY, Pierre. **O que é virtual?** São Paulo: Editora 34, 2007.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da Inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

MASCARENHAS, Andrea. **A teia da infância e o labirinto dos castigos**. São Bernardo dos Campos – SP, Ed. Garcia, 2018.

MEZZAROBA, Cristiano. Cultura escolar e cultura midiática enquanto “gramáticas estruturantes”: reflexões, possibilidades e limites. **Revista Amazônica: Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Amazonas**. Manaus, AM, v. 04, n 02, p. 1-26, 2019. Disponível: <https://www.periodicos.ufam.edu.br/index.php/amazonida/article/view/5847>. Acesso em: 18 out. 2020.

MEZZAROBA, Cristiano; BITENCOURT, Fernando Gonçalves. **Sociodinâmica cultural, mídias e tecnologias: implicações no campo da educação física**. in: Augusto Cesar Rios Leiro; Allyson Carvalho De Araújo; Dandara Queiroga de Oliveira Sousa. **Comunicação e mídia: história, tensões e perspectivas / organizadores Sérgio Dorenski, Larissa Lara, Pedro Athayde**. – Natal, RN : EDUFRN, 2020. p. inicial-final.

MORAN, José Manuel, MASETTO, Marcos T., BEHRENS, Marilda A. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas, SP: Papirus, 2000.

OLIVEIRA, R. **Informática educativa: Dos planos e discursos à sala de aula**. 3.ed. Campinas, SP: Papirus, 1997. (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico) ISBN 85-308-0453-8.

OLIVIER, Reboul. **A Filosofia da Educação**. Portugal, Edições 70, 2000.

PERRENOUD, Philippe. **10 Novas Competências para Ensinar: convite à viagem**. Trad. Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Artmed, 2000.

Anexos



Coral em Libras (On-LINE) Colégio Educandário Maria de Lurdes Silva



Coral em Libras (On-LINE) Colégio Educandário Maria de Lurdes Silva



Coral em Libras (On-LINE) Colégio Educandário Maria de Lurdes Silva



Coral em Libras (Presencial) Colégio Monsenhor Galvão



Coral em Libras (Presencial) Colégio Monsenhor Galvão



Coral em Libras (Presencial) Colégio Monsenhor Galvão

Quem disse que o professor também não apareceu no vídeo (Risos).



Coral em Libras (Presencial) Colégio Monsenhor Galvão



Coral em Libras (Presencial) Colégio Monsenhor Galvão



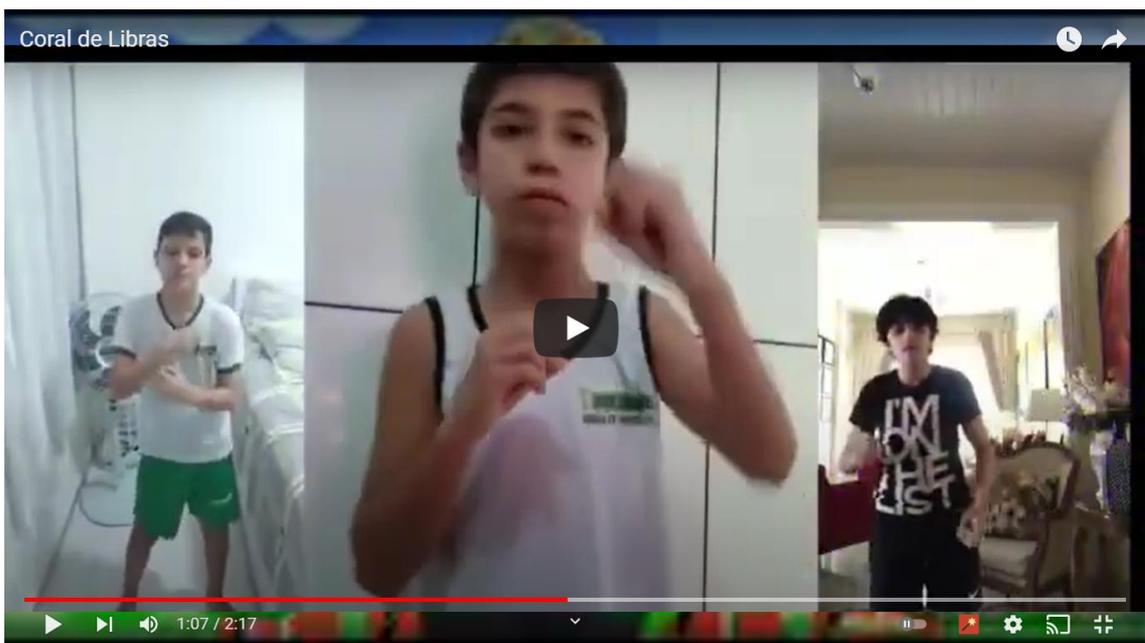
Challenge de São João (On-line) (Colégio Educandário Maria de Lurdes Silva)



Challenge de São João (On-line) (Colégio Educandário Maria de Lurdes Silva)



Live de São João (On-line) (Colégio Educandário Maria de Lurdes Silva)



Coral em Libras (On-LINE) Colégio Educandário Maria de Lurdes Silva



Coral em Libras (On-LINE) Colégio Educandário Maria de Lurdes Silva



Coral em Libras (Presencial) Colégio Monsenhor Galvão

Aluna Surda que foi integrada no processo formativo audiovisual a um círculo de amizade e interação com outros alunos, anteriormente vivia isolada e sem muitos amigos, depois do projeto passou a ter mais amizades.